

Afinidade e estranhamento

Gabriel Cohn

EALANDO do seu velho amigo Michael Löwy, no livro a ele dedicado, Roberto Schwarz assinala, numa passagem especialmente expressiva do seu belo depoimento, a singular combinação que desde cedo marcou a conduta de vida do “grande homem” (como brinca): “um arranjo incomum, em que estranhamente o dever, a fantasia e a revolução parecem não se opor uns aos outros, mas sim colaborar”. Com isso, ele oferece o mote para a leitura desse conjunto de ensaios, em que colegas e amigos se reúnem para examinar, com simpatia crítica, uma trajetória realmente singular. Brasileiro-europeu, surrealista-socialista, romântico-revolucionário, disciplinado-libertário, ateu-religioso; a lista de contrastes poderia estender-se muito – desde que em nenhum momento se perca de vista que os termos contrastantes sempre devem comparecer juntos, e inseparáveis, numa alquimia de cujo segredo Michael parece ser o único detentor.

Falei em alquimia, e isso me leva sem mais ao termo que vários dos colaboradores no livro identificam como aquele que melhor exprimiria a orientação do pensamento de Michael quando dá curso à sua infatigável curiosidade sócio-político-histórica-cultural (que já resultou em dezenas de livros e incontáveis artigos, grande parte deles traduzidos em 25 idiomas – nada mal, para quem certamente despreza o discurso da “produtividade”): a idéia de “afinidades eletivas”. Deixando-se de lado as fontes dessa idéia no pensamento de Löwy (na cabeça dele, a coisa certamente vai além de Max Weber), vale a pena assinalar que

o caráter fino e flexível da noção de afinidades eletivas (quando permite escapar ao estabelecimento de laços causais rígidos, em proveito da atenção às ressonâncias mútuas entre orientações de pensamento e de conduta que percorrem cada qual a sua via própria) não poderia deixar de fascinar um autor sempre em busca das formas mais sutis e compreensivas (no sentido de estabelecer relações entre complexos de significados e não ponto-a-ponto) no interior da sociedade.

Qual sociedade? A brasileira? Tal ou qual entidade européia? A americana, no sentido amplo? A resposta é: cada qual no seu momento, como representante de algo que a transcende e que se projeta no horizonte como possibilidade não cumprida a sempre ser evocada como tal: a sociedade verdadeira, a associação livre de homens e mulheres livres. Utopia, portanto, como já indica o título do livro, que joga com esse contraponto da particularidade e da universalização possível ao falar das “utopias de Michael Löwy”. Mas esse paradoxo ambulante não olha só para o horizonte, com pose de Platão no quadro de Rafael. Se ele ocupasse um lugarzinho naquele quadro (e se estivesse em Roma na época, poderia ser encontrado no ateliê do pintor, entrevistando-o), Michael provavelmente estaria olhando com uma ponta de troça para as atitudes de Platão e também de Aristóteles, tão rigidamente contrapostas. A complexa tipologia de caracteres desenvolvida nos guetos judaicos da Europa Central e Oriental inclui uma figura, a do *luftmensch*, aquela criatura que flutua no ar, na atmosfera rarefeita das suas

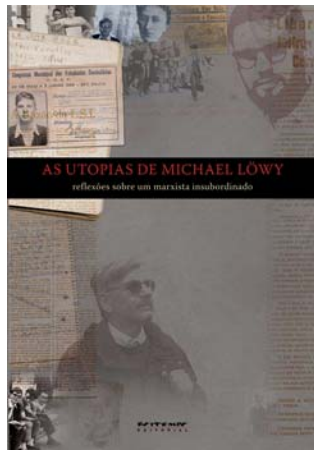
idéias e fantasias, utópicas talvez. Se fosse possível construir um *luftmensch* com os pés solidamente postos no chão da história presente, chegaríamos mais perto da feição de Michael Löwy, esse cosmopolita ateu impregnado até a medula pelo que de melhor o judaísmo ofereceu ao mundo.

Mas, afinal, o que faz esse homem além de tecer utopias com os fios do seu “marxismo insubordinado” (como também diz o título do livro)? Primeiro, não começou, ao contrário do que sua obra posterior poderia sugerir, no caminho do tratamento sofisticado de temas da sociologia do conhecimento (o que inclui a análise de movimentos culturais e políticos), mas por um artigo, característica mescla de modéstia e arrojo, na *Revista Brasiliense* de Caio Prado Júnior, sobre a ideologia de lideranças sindicais. Ali se encontra o seu primeiro trabalho de campo, feito por militante engajado, talvez por inspiração do contato com o sociólogo Azis Simão, pioneiro na área. Antes disso, já dera prova da atenção do verdadeiro militante às diversas dimensões das lutas sociais à sua volta, ao ser um dos que mais fortemente encorajaram Florestan Fernandes a se empenhar naquilo que acabou marcando a trajetória do grande mestre: a grande campanha em defesa da escola pública, ameaçada pelas forças retrógradas que Paulo Duarte também combatia na revista *Anhambi*. Tudo isso certamente contribuiu para essa singular mescla de pesquisador exigente (afinal, de grandes autores do século XX a cidadãos comuns, ninguém sabe quantos ele já entrevistou, nem quantas bibliotecas e arquivos percorreu para tarefas insólitas e engenhosas, como a de reexaminar fontes de Max Weber na elaboração da sua obra sobre

ética religiosa e capitalismo) com o vôo da imaginação e o aprofundamento teórico no momento certo.

Ao longo dos dezenove textos do livro, entre os quais o prefácio de Leonardo Boff, vai-se descortinando a diversidade da obra de Löwy. Neles, discutem-se desde os dilemas da condição social do intelectual até a relação de Michael com grandes figuras do marxismo europeu, como fazem Olgária Matos, no caso de Walter Benjamin, e Maria Elisa Cevalco, no de Raymond Williams, interlocutor de Löwy – a propósito, Marcelo Ridenti lembra que ele nunca se deteve sobre pensadores brasileiros e pouco sobre os latino-americanos, e vincula isso à conquista de posição acadêmica de relevo na França, escapando da condição subalterna de especialista em coisas exóticas –, passando pela sua presença no marxismo brasileiro e no latino-americano e pela sua atenção às novas relações que se foram estabelecendo ao longo do século entre movimentos revolucionários e religiosos. Seria fora de propósito nem sequer insinuar uma exposição do conjunto dessas contribuições. Mais vale recolher aqui e ali alguns temas, que permitam ilustrar sua diversidade e riqueza.

No seu exame da questão da inserção social dos intelectuais, Wolfgang Leo Maar, que nesse grupo representa bem a posição marxista mais severa, embora flexível no momento certo, usa em passagens centrais do seu argumento o conceito de possibilidade objetiva, colhido por Löwy na linhagem Weber-Lukacs-Goldmann, e que desempenha no seu pensamento papel que talvez possa ser visto como complementar ao de afinidades eletivas. O mesmo conceito está presente em vários outros ensaios, num testemunho à sua importân-



JINKINGS, Ivana; PECHANSKI, João Alexandre. (Org.) *As utopias de Michael Löwy. Reflexões sobre um marxista insubordinado.* Prefácio de Leonardo Boff. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. 195p.

cia, como ocorre quando Alfredo Bosi se vale justamente dele para reconstruir o tema da Teologia da Libertação e localizar o diálogo de Michael com ela. É como se, no conjunto, se apontasse para uma concepção robusta de utopia, que envolvesse o intrincado jogo entre aqueles dois conceitos e, ao fazê-lo, também conferisse conteúdo à idéia, igualmente central, de crítica – não qualquer crítica, mas a revolucionária, que demonstra os limites do estado de coisas vigente para mudá-lo.

É claro que o problema da realização histórica do socialismo impregna de alguma maneira o conjunto dos textos. Especialmente, como seria de esperar, no ensaio de Isabel Loureiro sobre a grande heroína de Michael, Rosa Luxemburg (sua referência desde os velhos dias da Liga Socialista Independente, com Hermínio Sacchetta). Nesse contexto, emerge outro tema caro a ele, o da alternativa histórica socialismo ou barbárie. Embora

essa interpretação não se encontre nesses termos em Isabel, creio ser plausível afirmar que, para Rosa, a iminência que ela entendia inexorável da crise final do capitalismo não significava (ao contrário dos que vêem nela mero “economicismo”) a solução sem mais do problema histórico posto pela possibilidade real da barbárie. Importa, aqui, que é exatamente a crise do capitalismo sem a solução socialista que constitui a barbárie – e que precisamente por isso para ela se torna imperativa a construção imediata da alternativa revolucionária socialista. Mas, assinala Isabel, na sua fase atual o capitalismo, ainda que não em crise aberta, segrega barbárie por todos os poros. Michael não é desatento a isso, como demonstram as suas incursões seguidas e diferenciadas na busca de possibilidades contemporâneas de constituição de formas não-capitalistas de sociedade, incluindo-se nisso a posição diante do problema ambiental planetário. Várias contribuições no livro aludem, por ângulos diversos, a essa busca de modos contemporâneos de dar conteúdo concreto ao confronto com o capitalismo.

Recorrendo a uma metáfora usada por Michael com referência à situação do pintor – a de que se vê mais amplo a partir do mirante mais alto, e de que, historicamente, o ponto mais alto é o do proletariado –, Flávio Aguiar presta-lhe elegante homenagem, ao realçar mais o pintor do que o mirante (que também recebe míopes). Afirma ele que “Löwy percebeu e acolheu, em seu pensamento, o poder inovador desse encontro entre uma teologia libertada das suas peias opressoras [...] e as sendas abertas pelos novos caminhos trilhados pelo pensamento libertário, revolucionário ou transformador [...]. Somente os grandes

pintores são capazes de intuições tão fecundas quanto belas”. A escolha segura do mirante, o rigor na visada, a intuição fecunda e bela. Eis um bom retrato de Michael Löwy.

Gabriel Cohn é professor titular do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. @ – gcohn@uol.com.br